

«««TRIBUNA DO VATE»»»



NATÁLIA DE OLIVEIRA CORREIA nasceu na Ilha de S. Miguel, nos Açores a 13-09-23 e faleceu em Lisboa a 16-03-93. Considerada uma dos "ícones" da Poesia Portuguesa Contemporânea, a sua vasta obra poética encontra-se em Poesia Completa: O Sol na Noite e o Luar nos Dias, 1993. Os seus livros estão traduzidos em várias línguas. Destacou-se como Deputada - à Assembleia da República (1980-1991) - e pela DEFESA DAS LIBERDADES E GARANTIAS DE TODAS AS MULHERES. Figura insigne na luta contra o fascismo; empenhou-se politicamente, viu vários dos seus livros serem apreendidos pela censura, chegando a ser condenada a três anos de prisão com pena suspensa, acusada de abuso de liberdade de imprensa.

Notabilizou-se ainda como Romancista, Ensaísta, Dramaturga, Guionista, Ficcionalista, Jornalista, Editora e Tradutora. Foi galardoada em 1991 com o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores, pelo livro "Sonetos Românticos". No mesmo ano foi-lhe atribuída a Ordem da Liberdade - era já detentora da Ordem de Santiago. É autora da letra do Hino dos Açores e doou grande parte do seu espólio à sua terra natal.

LOUVADO SEJA O GÉNIO DA NOITE

Lenta declina a luz e a noite vai
Entrando azul no tardo entardecer.
Vaga e intermínua uma folha cai;
Subtil suspira um deus nesse descer.

De uma névoa lilás a lua sai
E quebra-se no amar sem se mover.
Sons e cores, vibrações, tudo se esvai
Num lânguido desejo de morrer.

Castidade da noite absoluta,
Num galho imaterial um silfo escuta
O segredo das flores que estão sonhando.

Êxtase. A eternidade passa perto.
Gotejam astros. O mundo está deserto.
Só eu existo, fantástica... esperando...



«Sátira da autora alusiva à afirmação:
"O acto sexual é para fazer filhos",
- Proferida no Parlamento no dia 5 de
Abril de 1982 pelo Deputado João Morgado
do "CDS", sobre a legalização do Aborto.»

Já que o coito - diz Morgado -
tem como fim cristalino,
preciso e imaculado
fazer menina ou menino;
e cada vez que o varão
sexual petisco manduca;
temos na procriação
prova de que houve truca-truca.
Sendo pai só de um rebento,
lógica é a conclusão
de que viril instrumento
só usou - parca razão! -
uma vez. E se a função
faz o órgão - diz o ditado -
consumada essa excepção,
ficou capado o Morgado.

NA CÂMARA DE REFLEXÃO

Reúno coisas comovidamente:
Da mãe, o xaile azul, do namorado
Um beijo no Relvão, da avó demente,
O anjo que cantava no telhado;

Da ilha, a hota lassa que no poente
Rendia o mar a um sono nacarado,
De febris coisas, já no Continente,
Num clarão de ametistas, o amado,

Dos meus passos da cruz, as cicatrizes;
Da minha estrela errante, outros países;
Do breve encontro, um rosto que se enfuma...

Coisas que em busca da sua ligação
Reúno. Absurda sensação
De as juntar e não ter coisa nenhuma.



AUTO-RETRATO

Espáduas brancas palpitantes:
asas no exílio dum corpo.
Os braços calhas cintilantes
para o comboio da alma.
E os olhos emigrantes
ao navio da pálpebra
encalhado em renúncia ou
cobardia.
Por vezes fêmea. Por vezes
monja.
Conforme a noite. Conforme o
dia.
Molusco. Esponja
embebida num filtro da magia.
Aranha de ouro
presa na teia dos seus ardis.
E aos pés um coração de louça
quebrado em jogos infantis.

O POEMA

O poema não é o canto
que do grilo para a rosa cresce.
O poema é o grilo
é a rosa
e é aquilo que cresce.

É o pensamento que exclui
uma determinação
na fonte donde ele flui
e naquilo que descreve.
O poema é o que no homem
para lá do homem se atreve.

Os acontecimentos são pedras
e a poesia transcendê-las
na já longínqua noção
de descrevê-las.

E essa própria noção é só
uma saudade que se desvanece
na poesia. Pura intenção
de cantar o que não conhece.

